

Athos Bulcão

Bené Fonteles

Há, na arte feita no Brasil, artistas fundadores de novas linguagens estéticas, que são também inspiradores de novos processos conceituais e criativos e que extrapolam a questão de uma arte brasileira. Athos Bulcão é um deles e, com rigor e vigor construtivo ímpar, constrói também uma linguagem poética de extrema universalidade.

Sua presença é fundamental desde a década de 1950, quando a abstração formal chega a nós, às raias da sofisticação estética, e com a presença de Milton Dacosta, Alfredo Volpi, Willys de Castro, Aloísio Carvão, Lygia Clark, Rubem Valentim, Ione Saldanha e Hélio Oiticica... Abstratos, concretos e neoconcretos, aprimoram de forma singular o “projeto construtivo brasileiro” (nas palavras de Aracy Amaral), transformando-o em um ambicioso projeto sensível, sensual e com articulada e interativa inteligência plástica.

É esta inteligência que nos distingue do movimento abstrato-geométrico europeu ou norte-americano e cria o movimento concreto, juntando a poesia visual e as artes visuais, inaugurado em 1956 em mostra do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo. Não fomos só influenciados – como querem os teóricos – pela presença da Bauhaus, ou da Escola de Ulm na Alemanha, de onde veio Max Bill, às quais se atribui tanta influência entre nossos artistas. Somos, sim, essencialmente herdeiros da rica contribuição afro-indígena e sua natural continuação na arte popular feita no Brasil. Desta herança e de sua profunda, complexa e sofisticada força de construção geométrica – que, além de intuída, é muito bem pensada em sua estrutura formal –, veio com certeza este rigor do qual Athos Bulcão é um legítimo herdeiro.

O que vale, acima de tudo, é o exercício informal da liberdade e do improvisado, o mesmo e criativo improvisado brasileiro do qual Athos se valeu para construir, com grande sabedoria, os painéis modulares de azulejos, junto com os operários candangos. Foi sempre com esta mesma e enorme liberdade que Athos construiu sua impressionante e vasta obra, usando as múltiplas linguagens de expressão.

Com as pinturas, na década de 1940, começa a desenvolver um código visual muito próprio, em um projeto que atinge grande síntese entre as décadas de 1960 e 1980. Na década de 1990, as pinturas vão abstraindo-se e desconstruindo-se em sutilezas cromáticas, na produção de pequenos círculos, como os confetes de carnaval, que caem feéricos, formando planos de cor, paisagens que desafiam o olhar em inusitados efeitos óticos.

Os mesmos círculos são incorporados como forma para o uso dos mais diversos suportes e materiais. Estes dão ricas texturas, materialidade e mistério poético às suas caixas “máscaras”. Elas, os seus autorretratos confidenciando coisas insuspeitas e misteriosas, e que foram, muitas vezes pintadas, sobre a madeira de paletas de pintura do artista.

Os desenhos iniciais e os atuais, que se revestem do mais fino humor, estão reunidos no livro *Athos desenha*, organizado por mim em 2005. Feitos entre os anos de 1997 e 2002, os desenhos em lápis de aquarela, grafite e cor, canetas coloridas e nanquim preto são a dura prova de resistência e coragem do artista que não quis se entregar à enfermidade degenerativa que o afligia. São as últimas e definitivas contribuições de Athos à arte brasileira.

O mesmo fino e raro humor faz-se também presente nas fantásticas e irônicas fotomontagens da década de 1950. Muitas delas com conotações expressionistas vindas do cinema fundador de Friedrich Murnau e Sergei Eisenstein, que Athos tanto admira, ou do dadaísmo e do surrealismo, mas que nada ficam a dever às colagens de Max Ernst ou Picabia. Athos elimina a cor e, ao trabalhar com esmero estas colagens feitas de imagens recortadas de revistas e livros, pelo processo da decupagem, vai transformando-as em uma outra fotografia com um novo conceito imaginário do irreal e dando novas dimensões de possibilidades técnicas da colagem com fotografias.

Sua obra mais conhecida é vivenciada pelo povo das muitas cidades do Brasil e do mundo, com as quais convivem em harmonia os seus expressivos painéis de azulejos, madeira e concreto. Athos incorpora seus painéis com maestria em qualquer projeto de arquitetura, nunca deixando a modulação e as cores dos motivos brigarem com suas formas arquiteturais. Nisso está também seu enorme saber de concepção interativa, que torna, principalmente, inestimável e definitiva a sua colaboração em cocriação com a paisagem de Brasília e com seus arrojados arquitetos. O mais importante painel, e que participa da vida cotidiana da cidade, é o painel externo do Teatro Nacional de Brasília, que, como diz Paulo Herkenhoff, “estaria a nu, sem os relevos de Athos”.

É em Brasília que a importância capital de suas obras se faz fundadora e essencial. Fundadora porque Athos chegou aqui entre os pioneiros, trazido pelas mãos de Niemeyer, que sabia da preciosa joia que já ornava, há anos, sua bagagem estética, conceitual e humana: Athos. Nesta bagagem, vinda com excesso de talento, havia gente da mais alta qualidade na criação e na ética. Desejava-se, com eles, o país do sonho e da delicadeza, agora perdida: Lucio Costa, Ceschiatti, Bruno Giorgi, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e tantos outros. Athos transformou-se em mais um dos candangos e embelezou, tornou mais amorosa e humana a cidade vinda do nada, do repente da força de trabalho nordestina/candanga, e brotada do ermo no cerrado goiano.

Nenhuma outra cidade do mundo tem o prazer e a felicidade da onipresença estética e poética da obra de um único e original artista. São mais de uma centena de pontos de luz a iluminar a urbe em seus edifícios e casas, museus e escolas, palácios e tribunais, igrejas e hotéis, clubes e hospitais, monumentos e quartéis... Além de obras no Parque da Cidade e na Torre de TV, no Teatro Nacional e na Capela do Alvorada, no Congresso Nacional e no Memorial JK, no Aeroporto Internacional e, principalmente, na memória estética e afetiva do povo para o qual Athos criou, semeando generosamente em quase setenta anos de arte sua estranha beleza posta do avesso, a sua fome de reinventar-se, posta sempre em harmonia.

Athos faz a travessia pela arte feita no Brasil do moderno ao contemporâneo, deixando a contribuição de um mestre, um dos nossos maiores artífices do imaginário visual brasileiro. Não só o artífice de um projeto construtivo e estético, mas também de uma proposta vivencial em que a arte está imbuída do mais profundo senso de humanismo.

Athos a fez com a mesma coragem e ousadia do pensamento utópico de sua geração, que nos legou seres com a grandeza de pensar e fazer o sonho de uma nação mais justa e mais bela. Os brasileiros fundadores e fundamentais que, como Athos Bulcão, quiseram e querem muito mais do que fazer arte e história: querem também tecer junto o amor e a ética.